





### Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Mauro Augusto  
Burkert Del Pino  
Vice-Reitora: Profa. Dra. Denise  
Petrucci Gigante

Pró-Reitora de Extensão e Cultura: Profa. Dra. Denise  
Marcos Bussolleti  
Pró-Reitor de Graduação: Prof. Dr. Alvaro Luiz Moreira  
Hypolito  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Luciano  
Volcan Agostini  
Pró-Reitor Administrativo: Antônio Carlos de Freitas Cleff  
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Luiz  
Osório Rocha dos Santos  
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Sérgio Eloi Teixeira  
Wotter  
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Evaldo Tavares Kruger  
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Ediane Sievers  
Acunha  
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr. Aulus  
Mandagará Martins

#### CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo  
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.  
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana  
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.  
Francisca Ferreira Michelon | Prof. Dr. Vítor Hugo Borba  
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof. Dr.  
Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera Lucia  
Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

#### INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira  
Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

#### NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profa. Dra. Beatriz Ana Loner

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Veronica Medeiros dos Santos

**HISTÓRIA EM REVISTA** – Publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profa. Dra. Beatriz Ana Loner

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof.ª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Prof.ª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFP)  
Prof.ª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos  
Aires).  
Prof. Tommaso Deti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

#### Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

#### Impresso no Brasil

Edição: 2015/2016

ISSN – 1516-2095

#### Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de Ciências  
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.  
v.21/v.22, (dez. 2015/ dez. 2016). – Pelotas:  
Editora da UFPel, 2015/2016.  
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de Ciências  
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat  
Online Computer Library Center

PEDE-SE PERMUTA  
WE ASK FOR EXCHANGE

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: [ndh.ufpel@gmail.com](mailto:ndh.ufpel@gmail.com)

\* Obra editada e publicada em dezembro de 2017

volume  
**21**  
Dez 2015  
ISSN 1519-2695

volume  
**22**  
Jan 2016  
ISSN 1519-2695

ICH - UFPEL

A ALVORADA  
HISTORIOGRAFIA  
MUSEU NACIONAL  
PELOTENSE  
ARQUEOLOGIA  
MUSEU  
MÉDIEVO  
DIÁRIOS  
CRÔNICAS  
LIVROS DIDÁTICOS  
ESTADO  
LAZER  
FONTES HISTÓRICAS  
CARTAS  
JOINVILLE  
INTERNET  
HISTÓRIA CULTURAL  
O EXEMPLO  
ESCRITA  
EDUCAÇÃO  
NEGROS  
HARTOG  
SAMBAQUI  
BIBLIOTECA NACIONAL  
JORNAL  
METODOLOGIA

**História em**  
revista do núcleo de documentação histórica **revista**



# POR UM NORTE MEDIEVAL HISTORICIZADO: ESTUDOS MEDIEVALISTAS DO NORTE EUROPEU E O ESTADO DA QUESTÃO NO BRASIL

FOR A MEDIEVAL NORTH HISTORICIZED: MEDIEVALISTS STUDIES OF  
EUROPEAN NORTH AND THE STATE OF THE QUESTION IN BRAZIL

Amanda Basilio Santos<sup>1</sup>

---

**Resumo:** Este artigo pretende abordar o estado da questão dos estudos medievais que se dedicam à análise histórica do norte europeu no período medieval, assim como discutir o aprofundamento do entendimento destas regiões através da ampliação das fontes utilizadas pelos historiadores. Faremos um breve apanhado do desenvolvimento da historiografia europeia neste sentido, assim como discutiremos a ampliação do interesse dos pesquisadores brasileiros por esta área em questão nos últimos anos, destacando a criação de núcleos de pesquisas direcionados ao estudo do norte da Europa na Idade Média, em especial o NEVE (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos) e o NEIBRAM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares das Ilhas Britânicas: Antiguidade e Medievo).

**Palavras-chave:** Medievo; Historiografia; Estudos Medievais.

---

## Introdução

A História enquanto disciplina passou por muitas modificações desde suas propostas iniciais enquanto ciência no século XIX. Por muito tempo, a História medieval esteve negligenciada por este ser um período considerado como a Idade das Trevas<sup>2</sup>, ou então era ligada ao romantismo do século XIX, que via na Idade Média um período de encantos, o que não era mais justa do que seu relativo negativo. Porém, a História é dinâmica e isto deve-se as discussões e inquietações dos historiadores, sempre relacionados ao seu contexto histórico. As contribuições são débitos a inúmeros agentes, porém uma grande parcela do avanço deu-se por conta da *Escola dos Annales*.

Segundo Francisco Falcon, havia uma dupla tarefa que os fundadores

---

<sup>1</sup> Bacharel Mestranda em História (PPGH – UFPel), com Especialização em Artes em andamento (PPGA – UFPel). Membro do LAPI (Laboratório de Política e Imagem). E-mail: amanda\_hatsh@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Conceito muito empregado para definir o período medieval até o século XX. Está ligado a uma ideia de que o período seria de retrocesso e barbárie após o esplendor do período Clássico greco-romano. No decorrer do século XX esta expressão foi condenada pela historiografia, embora ainda seja consideravelmente usual no senso comum.

dos *Annales* tiveram de enfrentar: a primeira seria uma concepção de História factual e a segunda seria descentralizar os agentes aos quais eram atribuídos historicidade, que no momento seriam os "grandes homens", o que levava a um eixo principal de produção, a História Política. (FALCON, 1997, p.107)

Marc Bloch, um dos fundadores dos *Annales*, escreveu uma obra já clássica dentro da historiografia: *Apologia da História ou o Ofício do Historiador* (1987), que confronta exatamente os pontos levantados por Falcon. Trata-se de uma obra que só foi publicada após a morte do autor, - e foi escrita sob circunstâncias adversas, enquanto estava preso pelos nazistas por conta de sua participação na Resistência Francesa, - fato que resultou em sua execução por fuzilamento pelo Oficial da SS Nikolaus Barbie - sendo este um livro inacabado e escrito basicamente através da memória de Marc Bloch.

Nesta obra, Bloch discorre a respeito das suas principais concepções sobre a História e apresenta pontos fundamentais de afastamento com o modo Positivista de escrita historiográfica. Ele propõe o distanciamento da História factual, limitada em suas fontes de pesquisas, isolada em seu próprio *modus operandi*, concentrada em poucos sujeitos históricos. Ele apresenta de fato um grande alargamento: uma dilatação de sujeitos, fontes e métodos para o estudo do "homem no tempo"<sup>3</sup>. Ao fazer tamanha asserção, ele amplia os limites de atuação do historiador, coloca-o diante de um mundo de possibilidades ainda a serem exploradas, e também relaciona o fazer historiográfico a outros campos disciplinares com os quais deve interagir. Estas propostas metodológicas afetam ainda hoje o modo de produzir o conhecimento histórico em geral, influenciando os resultados de pesquisa alcançados pelos medievalistas, que são o principal foco de nosso artigo.

Em sua obra *A Sociedade Feudal*, podemos ver a execução das propostas de Marc Bloch de modo monumental: teremos um estudo ligado ao social, e não centralizados em poucos personagens; a sua vastidão de fontes é impressionante, pois, além dos documentos tradicionais de origem eclesiástica e legislativa, ele ainda abarca as fontes arqueológicas, as análises linguísticas que envolviam estudos de toponímia e onomástica, entre outros. Também trabalhou de forma bastante extensa com os costumes, através das **chansons de geste**, por exemplo. Nesta ambiciosa obra, seu segundo Livro é dedicado a uma linha inovadora que viria a se consolidar na década de 1960 como *História das*

---

<sup>3</sup>Em seu prefácio Marc Bloch traz uma simples definição para a História: "Seu objeto é 'o homem', ou melhor, 'os homens', e mais precisamente os 'homens no tempo'". (BLOCH, 2001, p. 24).

*Mentalidades*<sup>4</sup>. Pretende compreender, segundo seu próprio título, "*As Condições de Vida e a Atmosfera Mental*" (BLOCH, 1979, p. 79), abarcando questões econômicas, sociais, religiosas, que permitam a compreensão de uma "feudalidade" que caracterizaria o período. Mas o próprio Marc Bloch destaca:

Jamais seremos capazes de penetrar tão bem a mentalidade dos homens do século XI europeu, por exemplo, quanto o podemos fazer para os contemporâneos de Pascal ou de Voltaire: porque não temos deles nem cartas [privadas], nem confissões; porque só temos sobre alguns deles biografias ruins, em estilo convencional. (BLOCH, 2001, p.75-76).

Bloch ainda salienta que chegará o momento em que o pesquisador deverá consolar-se em admitir que não sabe e que não há como responder determinadas questões. Portanto para que se possa ter um vislumbre de certas demandas consideradas mais inacessíveis é necessário recorrer a outras fontes e outros métodos, para tanto Bloch apoia-se na cultura material para a compreensão deste ser humano distante e recorre à Psicologia para a compreensão de fenômenos que a História por si só não era capaz de explicar.

Esta diversidade de fontes, objetos e abordagens tornou-se fecunda e a medievalística ainda deve muito a Marc Bloch. A sua atenção ao contexto, retirando o foco do acontecimento como fato, trouxe outra forma de escrita, que se preocupa em explicar, em compreender, e não apenas em narrar, tais proposições alterariam a produção historiográfica para muito além da França.

### **Por um novo Medievo: novas questões historiográficas**

Por um longo período de tempo a história Medieval esteve ligada às questões políticas e de identidade nacional, de modo que, na Inglaterra, buscava-se uma origem identitária que explicasse o *Englishness* ou *Britishness* próprio do povo inglês<sup>5</sup>. Ao contrário dos franceses que buscavam na Antiguidade Clássica

---

<sup>4</sup> Conceito vinculado à Longa Duração, pois, segundo Fernand Braudel (1983) a mentalidade constitui-se em padrões que só se alteram muito lentamente, portanto só pode ser avaliado dentro de uma perspectiva de Longa Duração. Embora Marc Bloch já dedicasse um subcapítulo da Sociedade Feudal ao estudo das mentalidades e em Reis Taumaturgos, ele se concentra no estudo de crenças, este conceito apenas tomou grande proporção na década de 1960, tendo como autor de destaque o medievalista Philippe Ariès. Durante a década de 1980, tornou-se um conceito extremamente utilizado, principalmente pela História Cultural, porém sofre por conta de problemas teóricos/metodológicos que levam ao seu desuso.

<sup>5</sup> Sobre esta questão ver: KUMA, K. **The Making of English National Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

as suas raízes nacionais, os ingleses olhavam para dentro de seu próprio território em busca de sua identidade própria. Esta busca é parte de um longo processo histórico, que pode ser notado nitidamente deste a Conquista Normanda em 1066. (SMITH, 2005).

Embora os dois termos supracitados (*Englishness* e *Britishness*) estejam relacionados de uma forma ou de outra a discursos pró-identitários, o primeiro está geralmente ligado a distinção do inglês em relação aos países mais próximos, ou ligados ao mesmo arquipélago, sendo assim, seria colocar em evidência o que faz um inglês diferente de um escocês, de um galês ou de um irlandês, por exemplo. Já o segundo termo, é geralmente utilizado para diferenciar os habitantes das Ilhas Britânicas em relação aos demais europeus, sendo assim, haveria uma identidade insular mais abrangente, embora não dominante das particularidades de todos os seus habitantes.

Mesmo que estas preocupações de identidade estivessem a princípio ocupadas em gerar um discurso homogêneo e nacionalista (COLLEY, 2005), hoje foi suplantado, ao menos na produção historiográfica, em preocupações com a complexidade e variações de identidade e etnia dentro do território nacional, voltando-se, inclusive, para uma nova análise do medievo.

Seguindo os caminhos abertos por Marc Bloch e pelos *Annales*, a historiografia dirigiu-se de modo gradual a novas questões, levantadas pelas possibilidades de questionamentos e pelo uso de outras fontes históricas. Buscou-se, a princípio, encontrar questões mais generalizantes relativas a identidade, como por exemplo na obra de Beckwith (1996) ou de Bradley (2007), que procuravam uma identidade religiosa para a Inglaterra. No livro de Bradley temos, por exemplo, um capítulo dedicado a definição e ao mapeamento do *Brittishness*. (BRADLEY, 2007, p. 33-66). Porém, surgiram muitos livros preocupados com a complexidade e heterogeneidade dos mesmos locais e períodos, caminhando, então, em uma linha que busca mostrar a diversidade cultural e não buscar uma identidade homogênea. Tais perspectivas estão associadas, em geral, a alguns referenciais teóricos específicos, como circularidade cultural, hibridismo cultural, diversidade cultural, etc. Temos nesta linha trabalhos como o de J. J. Cohen (2008) que salienta a grande diversidade e a intensidade das trocas culturais na Inglaterra medieval. Este livro, em uma série de ensaios, preocupa-se com aspectos de assimilação de processos históricos por diferentes grupos, como a especificidade dos judeus, já apontando para a diversidade cultural.

Pensa-se também as questões identitárias por prismas de gênero, pois ser inglês no medievo não é uma realidade praticada e vivida do mesmo modo para

todos os habitantes do reino, como observa D. G. Neil, que explora a construção da identidade de gênero na Inglaterra dentro de certos aspectos quiméricos, na construção do modelo ideal de masculinidade na Inglaterra medieval. (2008).

A historiografia começou também a olhar para momentos específicos onde considera-se que as identidades agem com maior intensidade, ou seja, em momentos e locais conflituosos. Deste modo temos obras guiadas pelo conceito de alteridade, onde o *outro* é fundamental para o entendimento de *si*. Podemos citar como exemplo a obra de Shirin A. Khanmohamadi (2014), que explora momentos tensos como a Reconquista e as Cruzadas e trajetórias de fronteira, como na obra de Gerald of Wales, tudo através de uma visão etnográfica da construção do *outro*.

Temos produções preocupadas não com a definição da identidade, mas em compreender a construção de identidades atribuídas. Podemos citar o livro de Robert Rix (2015) neste aspecto, no qual a problemática é buscar a imagem construída de um norte bárbaro durante o período medieval, pelos próprios medievais.

Na própria área linguística vemos um crescimento da preocupação com hibridismos culturais e suas variantes. Temos como exemplo o livro recentemente editado por Conde-Silvestre e Calle-Martín (2015) que salienta as variações linguísticas como aspectos culturais, e o status de seu desenvolvimento.

Demos até então ênfase a alguns conceitos que auxiliam uma compreensão diferenciada da Idade Média, entre eles identidade, hibridismo cultural e circularidade cultural.

Focando nestes conceitos, salientamos que há um grande debate que orbita em torno do conceito de identidade, pois existe uma dificuldade de delimitá-lo conceitualmente, e um conceito que tudo explica acaba não explicando nada. Alguns autores, porém, levantam questões importantes na busca por uma conceituação da identidade. Trata-se de uma preocupação de delimitação conceitual razoavelmente recente entre os historiadores, que começou a ser abordado entre aqueles que trabalham com perspectivas multidisciplinares, pois já era bastante debatido entre os campos das ciências humanas, como a psicologia e a antropologia.

Começando por Stuart Hall, sem entrarmos em definições psicologizantes, não podemos considerar identidade cultural como um momento estanque, mas como um processo de permanente transformação e

construção, pois segundo a concepção do autor, as identidades não são paralisadas no tempo, mas elas auxiliam o tornar-se e não o ser do sujeito, através do contato e do que fazemos com as tradições:

Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p. 43)

Deste modo a identidade cultural é um processo dinâmico, constituído pelas tradições e pelo cotidiano; é um processo contínuo e constante.

Para Tomaz Silva e Kathryn Woodward (2000) a identidade do indivíduo se dá por duas mãos: é um fenômeno que surge tanto da identificação como da alteridade, ou seja, a identidade se dá pelo sentimento de pertencimento tanto quanto pela consciência do "outro", sendo assim sempre um processo de reconhecimento das diferenças e dos traços compartilhados. Ou seja, a identidade só existe a partir de uma construção relacional.

Quanto ao conceito de circularidade cultural, temos de remontar a Mikhail Bakhtin (1987), um estudioso da área da linguística, que através de suas conclusões e formulações de estudos literários foi capaz de mudar o paradigma pelo qual entendíamos cultura até então, dentro das ciências humanas. A ideia de cultura, por um período de tempo considerável, estava polarizada, muito disso devendo aos teóricos marxistas que postulavam um modelo de interação cultural: de um lado temos os detentores do poder e, portanto, os produtores de cultura e ideologia, e do lado oposto temos os oprimidos que recebem esta cultura produzida e a vivenciam, reproduzindo perpetuamente seu estado de subserviência. Através desta ótica conceitual os considerados oprimidos encontravam-se engessados, incapazes de gerar cultura ou de questioná-la. Com tal conceito permite-se criticar uma hierarquia pré-estabelecida para os contatos sociais, e se pensar novos agentes históricos enquanto atuantes.

O hibridismo cultural está bem apontado pelo historiador Peter Burke em sua obra *Hibridismo Cultural* (2003), obra na qual o conceito de Circularidade Cultural é de extrema relevância. Quanto a este conceito é relevante observar que o hibridismo cultural permite a sobrevivência e a adaptação de traços culturais, não se trabalhando na lógica de supressão cultural, mas sim em uma dialética de contratos culturais, onde concessões são feitas entre partes diferentes de um mesmo processo cultural, que atua sobre ambos, mesmo que estes se encontrem em diferentes graus de influência.

Enfim, os diferentes vieses conceituais, muitos deles ligados à história cultural, permitem novas problemáticas e novas formas de análise das fontes. A escrita historiográfica torna-se menos generalizante e privilegia particularidades, aspectos selecionados do social para abordar determinadas problemáticas.

### **Estudando o Norte Medieval no Brasil**

Embora Alain Guerreau tenha afirmado que os estudos medievais iriam se constituir no Brasil como uma ciência de europeus que ecoaria em obras de brasileiros, como o *Modo de Produção Feudal* de J. Pinsky (1982), que atribuiu aos europeus o exclusivismo sobre o longo período medieval, o panorama atual não podia ser mais diferente. Temos como divisor de águas a década de 1990, que Rust e Bastos, defendem como o período que definiu o “direito de cidadania histórica dos estudos medievais no Brasil” (BASTOS; RUST, 2009, p.164). A partir da ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais), fundada em 22 de março de 1996, os brasileiros mostraram que não apenas podem pesquisar o período medieval, como o podem fazer com extrema qualidade. Através desta entidade civil sem fins lucrativos, foi possível organizar as pesquisas que são realizadas no Brasil, e elaborar eventos cujas temáticas sejam focalizadas na Idade Média. A ABREM hoje conta com entorno de 450 sócios regulares, e além da sua publicação acadêmica (Revista *Signum*) que é reconhecida internacionalmente e conta com publicações de pesquisadores medievalistas europeus, o que fomenta a troca na produção científica, ainda organiza eventos, promove cursos e palestras, sendo que o principal evento promovido é o Encontro Internacional de Estudos Medievais.

Com aportes conceituais da “História das Mentalidades” foi possível encontrar a conexão entre um passado distante e sua importância para a compreensão dos dias atuais, justificando-se seu estudo. Grandes nomes da pesquisa nacional como José Rivair Macedo e Igor Salomão Teixeira produzem obras inovadoras dentro da pesquisa medieval, demonstrando o quão errôneo é a premissa de que o período medieval não pertence aos estudiosos brasileiros.

Em seu princípio, as pesquisas em história medieval estiveram, no Brasil, intimamente dependentes das pesquisas, metodologias e conceituações, oriundas dos medievalistas franceses. Por um longo período, esta dependência esteve clara nas produções, escassas, que circulavam no nosso país. Esta dependência estava atrelada a algumas razões, porém, a primeira seria o acesso a bibliografia especializada, que se dava através das poucas traduções ou importações sobretudo de estudos franceses.

Pesquisas que se encontram nestes moldes supracitados podem ser localizados no nascedouro do medievalismo brasileiro. Em 1934 há o primeiro curso superior a abordar a história medieval em seu currículo, na Universidade de São Paulo (USP). Por falta de uma formação específica para medievalistas, o primeiro a orientar pesquisas dirigidas à história medieval na USP, foi o classicista francês, especializado em história romana, Jean Gagé.

A primeira tese de doutorado sobre história medieval no Brasil, será feita, quase dez anos depois da introdução do medievalismo nos quadros curriculares. Em 1942, o pesquisador Eurípedes Simões de Paulo, defendeu sua pesquisa sobre o comércio varegem em Kiev, tese feita sob a orientação de Jean Gagé.

Os estudos em História Medieval no Brasil encontram-se em ritmo ascendente, estão sendo criados novos grupos de pesquisa que aumentam a gama de contextos locais e temporalidades estudadas, assim como aumentam o número de pesquisas publicadas na área. Um tema de pesquisa que antes concentrava-se no Rio de Janeiro e em São Paulo agora é estudado em todas as regiões brasileiras, sendo que as produções tiveram seu aumento significativo entre as décadas de 80 e 90. (AMARAL, 2011).

Ao que se deve este crescimento? Não desejamos aqui dar uma resposta definitiva, mas apontar o quinhão devido aos bancos de dados online nesta trajetória. Durante muito tempo os medievalistas brasileiros encontravam-se com dificuldades para o estudo deste período pela simples dificuldade de acesso às fontes medievais e à bibliografia especializada. Apenas um grupo muito seleto tinha condições de acesso direto aos seus objetos de pesquisa que implicava em viagens e grandes encargos financeiros, além do mais, parte da documentação ainda podia encontrar-se inacessível por conta de procedimentos de conservação e restauro, além das taxas que podiam ser cobradas para o acesso. Quanto à bibliografia, dependia-se de uma quantidade ínfima de obras traduzidas para o português - em geral ligadas à produção medievalística francesa, o que limitava tanto as temáticas como a metodologia e teoria utilizada - (SILVA; SILVA, 2007) ou dos serviços de importação disponibilizado por algumas livrarias, que em geral implicavam em espera de alguns meses.

Atualmente, embora ainda dependamos das importações, há à disposição do pesquisador uma vasta bibliografia especializada na internet, seja de livros que já não possuem mais direitos autorais, permitindo sua digitalização e disponibilidade gratuita, assim como livros em formatos digitais pagos, que podem ser acessados imediatamente após o pagamento. As importações também se ampliaram, pois pode-se encomendar livros através de bibliotecas internacionais, sendo o acervo disponível muito mais vasto. Não apenas temos

acesso a produção historiográfica mais variada, podendo adquirir pesquisas dos mais diversos países, como temos acesso mais rápido, podendo comprar títulos recém lançados, sem depender de importações que podem levar anos.

Para além da questão bibliográfica, temos as fontes. A internet fornece acesso a uma imensa gama de informações, o problema reside em saber o que utilizar e como utilizar na pesquisa historiográfica. As facilidades fornecidas por estes recursos não podem levar o pesquisador a um trabalho relapso e que pode por esta razão vir a ser desqualificado.

Primeiramente temos que destacar alguns labores ao trabalhar-se com a Internet, e acima de tudo a tentativa de escrever sobre este trabalho. Como destaca Edson Armando Silva, trata-se de uma tarefa ingrata pois ao terminarmos a tarefa ela já começa a tornar-se ultrapassada, dada a velocidade que evolui seu objeto:

Muitos procedimentos laboriosamente desenvolvidos são substituídos por novos recursos nas versões atualizadas dos programas com os quais trabalhávamos há alguns meses. No processo de relatar, a escrita congela a experiência que vem à luz já defasada em relação às últimas novidades. O texto, pouco tempo depois de publicado, já ganha um ar de ultrapassado, submetendo o autor a uma sensação desagradável de obsolescência. (SILVA, 1998, p. 167).

Portanto, o que demonstraremos neste artigo terá seu tempo, e possivelmente muito curto, de utilidade. Mesmo considerando esta condição, acreditamos ser importante a divulgação de bons bancos de dados online e suas ferramentas internas, mesmo que estas modifiquem-se com certa frequência, pois saber como o conhecimento é disposto nestes sites permite saber se este é utilizável ou não na pesquisa histórica.

Temos também de ressaltar que a informática já vem sendo utilizada por historiadores há um longo período de tempo e as discussões sobre esta temática já vem sendo desenvolvidas desde a década de 1970, inclusive no Brasil (SILVA, 1998, p.168-169).

Mesmo com a popularização dos computadores pessoais que permitiu que mais pesquisadores utilizassem a informática em suas pesquisas, o uso em geral foi para trabalhar em fontes seriais, e na organização sistemática destas fontes. Para a criação de bancos de dados de fontes históricas, segundo Edson Armando Silva, em geral fixava-se em fontes que já apresentassem padrões que pudessem gerar entradas para os bancos de dados, como certidões de casamento, por exemplo. Porém com o declínio da história quantitativa também decaí a popularidade dos bancos de dados digitais (SILVA, 1998, p.170).

Na década de 1980 começam amplos esforços para digitalização de fontes. Isto deve-se principalmente por conta de uma dupla intenção, em primeiro lugar deseja-se preservar fontes que por conta de sua antiguidade ou condição do suporte encontravam-se em risco de destruição. Deste modo a digitalização visa a preservação do original. Em segundo lugar, preocupa-se com as questões de acessibilidade às fontes que são patrimônio da humanidade e, portanto, deveriam estar disponíveis de modo mais fácil, ao maior número possível de interessados. Aqui, a digitalização visa a visibilidade da fonte. A digitalização direcionou seus esforços em primeira instância aos documentos escritos, e sempre orientada por um juízo atribuído de valor, que faria com que uma fonte viesse a ser digitalizada com mais urgência.

A utilização da internet traz consigo facilidades e dificuldades à pesquisa histórica, segundo Odilon:

Tomando a idéia de alargamento das fontes, é possível agregar à categoria das fontes históricas conteúdos presentes na Internet? Tudo indica que sim, desde que haja certa cautela, pois a Internet é caracterizada por alguns elementos que podem ser perigosos ao historiador: o número excessivo de informações em alguns casos, a possibilidade de falsificação de discursos (plágios acadêmicos, inclusive) e também o risco de uma fonte desaparecer do dia para a noite (sites podem ser apagados) tanto por iniciativa dos próprios webmasters – criadores da página –ou mesmo por decisão judicial, passando também por ataque de hackers ou pane nos sistemas onde estão hospedados os arquivos das páginas). (NETO, 2009, p. 3)

Tendo consciência destas dificuldades para as quais o pesquisador deve sempre estar preparado, pois temos que nos precaver a instabilidade do nosso suporte: as fontes disponíveis online podem ser retiradas do ar por necessidades de administração do próprio site. Por exemplo, no início de minha pesquisa utilizava um site institucional da Igreja da Inglaterra, onde era disponibilizado as míslulas que eram meu principal objeto de análise. No transcorrer de poucos meses elas foram retiradas do site por duas questões: primeiramente eram um conjunto de míslulas que não eram muito acessadas, e em segundo lugar o servidor encontrava-se sobrecarregado e para aliviá-lo o site foi reavaliado e conteúdos considerados impopulares foram excluídos. Este fato causou um atraso imenso na pesquisa até que fosse descoberto outro site com o mesmo conjunto ainda disponível.

Este é apenas um exemplo, porém, este que é apenas um entre muitos imprevistos podem levar a pesquisa ao cancelamento se o pesquisador não for precavido. Salvar o conteúdo quando possível e organizar sistematicamente o material recolhido se torna um passo metodológico fundamental para a segurança do desenvolvimento da pesquisa com fontes que se encontram muitas

vezes com instabilidade de disponibilidade. A questão metodológica ao trabalhar-se com fontes online ainda é pouco discutida e motivo de inseguranças e questionamentos ao trabalhar-se com estas escolhas. Em fato, Fábio Chang de Almeida salienta que há dois fatores principais para o pequeno número de trabalhos desenvolvido com fontes digitais, (embora seja crescente a procura de pesquisadores por fontes disponíveis em bancos de dados digitais) primeiramente trata-se da hierarquização das fontes, pois apesar da ampliação supracitada, a documentação escrita ainda possui preferência, e em segundo lugar a escassa discussão teórico-metodológica sobre o uso das fontes digitais. (ALMEIDA, 2011, p. 11)

Embora ainda se trilhe as bases da fundamentação de seus usos, há pelo menos três formas de se utilizar a internet nas pesquisas históricas: "[...] fazer história através (Internet como ferramenta), a partir (Internet como Fonte) e com a Internet (a Internet como uma matéria que engendra a possibilidade de um novo método)." (LUCCHIST, 2013, p. 7)

Acima de tudo o pesquisador, embora hoje cercado de fontes digitais, tem que saber selecionar o que é passível de uso na pesquisa histórica, o que muitas vezes está diretamente relacionado com a apresentação interna dos sites que tem a sua disposição. Saber, portanto, analisar o conteúdo e a forma como este conteúdo apresentação nestes bancos de dados digitais torna-se tarefa primordial para que a pesquisa se efetue com sucesso.

Graças a estes esforços de democratização das fontes, surgiram possibilidades novas de estudos aos pesquisadores brasileiros interessados nos estudos de História Antiga e Medieval. Com novas ferramentas de pesquisa diversificou-se o interesse alusivo às áreas geográficas de pesquisa. Atualmente temos dois grupos de estudos no Brasil preocupados com as discussões referentes ao norte europeu durante o medievo. O mais conhecido atualmente é o NEVE<sup>6</sup> (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos). Segundo a descrição do próprio grupo:

O grupo interinstitucional NEVE tem por principal objetivo o estudo e a divulgação da História e cultura da Escandinávia Medieval e em especial da Era Viking, por meio de reuniões, organização de eventos, publicações e divulgações em periódicos e internet. Conta com a colaboração de professores, pós-graduandos e graduandos de diversas universidades brasileiras, além de colaboradores estrangeiros. (Disponível em: <<http://neve2012.blogspot.com.br/>>, acessado pela última vez em 12 de setembro de 2015).

---

<sup>6</sup> Site oficial do NEVE: <http://neve2012.blogspot.com.br/>. E-mail de contato: [neveufpb@yahoo.com.br](mailto:neveufpb@yahoo.com.br).

Este grupo foi formado em 2010 e tem como coordenador principal o historiador Johnni Langer, e é institucionalmente ligado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente conta com cinco linhas de pesquisas e com vinte e sete membros entre pesquisadores (dezesseis), estudantes (quatro), colaboradores estrangeiros (cinco) e técnicos (dois).

O NEVE é um grupo bastante ativo e promove eventos anuais para promoção, divulgação e discussão de pesquisas relacionadas às suas linhas de pesquisa e à cultura nórdica europeia em geral. Além dos eventos mantém uma publicação de periodicidade semestral, intitulada *Notícias Asgardianas*, a qual é focada em publicação de estudos referentes à Escandinávia Medieval, em termos multidisciplinar, abarcando pesquisas de história, arqueologia, religiosidade, literatura, etc.

Seu coordenador, Johnni Langer, possui uma ampla produção historiográfica, com abrangência internacional. Em 2011 teve seu artigo *Morte, Sacrifício Humano e Renascimento: Uma interpretação Iconográfica da Runestone Viking de Hammar I* (LANGER, 2004), publicado no ano de 2004 pela revista *Mirabilia*, citado no estudo *Der Tod des Todes* (WEGENER, 2011), do pesquisador Dr. Bernhard Wegener, que foi publicado pela revista *Zeitschrift für Spiritualität und Transzendente Psychologie* (V. 1, n<sup>o</sup>2).

Um grupo mais recente que segue uma linha semelhante é o NEIBRAM<sup>7</sup> (Núcleo de Estudos Interdisciplinares das Ilhas Britânicas: Antiguidade e Medievo). Segundo a descrição do grupo no CNPQ:

O NEIBRAM é um núcleo de estudos acadêmicos interinstitucionais de caráter interdisciplinar voltado às temáticas ligadas ao arquipélago das Ilhas Britânicas durante o período da Antiguidade e Idade Média. Ele abrange os campos da História, Arqueologia, Literatura, Antropologia, Arte, Linguística, Filosofia, entre outros. [...]. Sua principal proposta é de atender uma demanda cada vez maior no meio acadêmico brasileiro [...] por temas que extrapolem abordagens de pesquisa mais tradicionais, envolvendo as Ilhas Britânicas e sua relação com o Continente dentro do período proposto. (Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9640514370248566>>, acessado pela última vez em 12 de setembro de 2015)

Este é um grupo ainda mais recente, sendo criado em 2014, e tem como coordenadores Renan Marques Birro e Elton Oliveira Souza de Medeiros e está ligado à Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

---

<sup>7</sup> Site oficial do NEIBRAM: <http://www.neibram.org/>. E-mail de contato: [neibram@infohistoria.org](mailto:neibram@infohistoria.org).

Atualmente possui sete linhas de pesquisa e vinte e um membros entre pesquisadores (dezesesseis) e colaboradores (cinco).<sup>8</sup> Possui também parceria com outros grupos de estudos e periódicos da Antiguidade e Medievo brasileiros como o Brathair (Grupo de Estudos Celtas e Germânicos) e o LATHIMM (Laboratório de Teoria e História da Imagem e Música Medievais) da Universidade de São Paulo, assim como possui parceria com universidades e grupo de estudos internacionais, como a University of Winchester. Este é um grupo ainda recente, que está em momentos de adaptação e expansão, não possuindo ainda a abrangência conquistada pelo NEVE.

Embora estes grupos sejam novos e ainda pouco divulgados, são uma amostragem do crescimento do interesse de medievalistas e classicistas brasileiros pelo norte europeu. Além disso, são um importante indicador da ampliação geográfica dos estudos em história medieval no Brasil, que antes se concentravam em dois polos regionais: São Paulo e Rio de Janeiro.

As possibilidades de maior acesso às fontes e bibliografia especializada auxiliam este crescimento, assim como as escolhas de referenciais teóricos, que não exigem uma ligação direta com o passado estudado, como acontecia com o medievalismo no Brasil, que deveria estar ligado à Espanha ou a Portugal, por sermos hereditários diretos destas regiões. Hoje se possui uma visão mais democrática e menos bairrista nos estudos historiográficos, permitindo análise de locais antes não abordados. Percebemos também que estes grupos se encontram distantes dos centros tradicionais de estudos em Antiguidade e Medievo no Brasil, que tradicionalmente se localizam no Rio de Janeiro e em São Paulo, o que demonstra a grande expansão destas pesquisas no país.

## Conclusão

Vimos que a diversificação das questões teóricas levou ao aumento das temáticas abordadas nos estudos do norte medieval, guiando desde o recorte até o resultado final da pesquisa. Tentamos, deste modo, pensar brevemente a medievalística para o norte da Europa através das modificações de conceituações, que levam a alteração de posicionamento e de problemáticas. Por exemplo, embora a identidade continue uma preocupação dos estudos históricos, ela já não é tratada de mesmo modo, e novos grupos de agentes sociais surgem como importantes neste novo panorama. Posteriormente fizemos uma aproximação ao estágio que se encontram as pesquisas do norte

---

<sup>8</sup> Estes dados foram retirados do site do grupo, porém os dados no CNPQ estão incompletos e, portanto, diferentes dos utilizados neste artigo.

medieval no Brasil, assim como tentamos destacar as novas possibilidades de pesquisa que se abrem ao pesquisador brasileiro, levando em consideração o momento em que nos encontramos em um processo de democratização das fontes históricas. Estamos em um momento de constante expansão de temáticas e recortes de pesquisa, assim como em um período de expansão dos centros de pesquisa, havendo a constituição de núcleos de pesquisas em locais que não são centros tradicionais em estudos em história medieval.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, A. C. L.; AMARAL, C. D. O. O Ocidente Medieval segundo a Historiografia Brasileira. **Medievalista Online**, v. 4, n° 4, p. 1-41, 2008.

AMARAL, R. O Medievalismo no Brasil. **História Unisinos**, V.3, n° 15, Setembro/Dezembro 2011. 446-452.

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BECKWITH, S. **Christ's Body: Identity, Culture and Society in Late Medieval Writings**. Nova York e Londres: Routledge, 1996.

BLOCH, M. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.

\_\_\_\_\_. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRADLEY, I. **Believing in Britain: The Spiritual Identity if Britishness**. Londres: I. B. Taurus, 2007.

COHEN, J. J. **Cultural Diversity in the British Middle Ages: Archipelago, Island, England**. Nova York: Palgrave McMilan, 2008.

- COLLEY, L. **Britons: Forging the Nation, 1701-1837**. 2ª. ed. Londres: Pimlico, 2005.
- CONDE-SILVESTRE, J. C.; CALLE-MARTÍN, J. (Eds.). **Approaches to Middle English: Variation, Contact and Change**. Nova York e Oxford: Peter Lang, 2015.
- DIAS, A. F. Dos estudos culturais ao novo conceito de Identidade. **Gepiade**, Itabaiana, v. 9, nº 5, 2011.
- FALCON, F. História e Poder. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 97-138.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- KHANMOHAMADI, S. A. **In Light of Another's Word: European Ethnography in the Middle Ages**. Philadelphia: PENN, 2014.
- LUCCHESI, A. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal: [s.n.]. 2013. p. 1-17.
- MACEDO, J. R. **Os estudos medievais no Brasil: catálogo de teses e dissertações**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2003.
- NEIL, D. G. **The Masculine Self in Late Medieval England**. Chicago: Chicago University Press, 2008.
- NETO, O. C. Breves reflexões sobre o uso da Internet em pesquisas historiográficas. **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, v. 20, nº Ano 4, 2009.
- NÚCLEO de Estudos Vikings e Escandinavos, 2012. Disponível em: <<http://neve2012.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 setembro 2015.
- REIS, J. C. **Nouvelle histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel**. São Paulo: Ática, 1994.
- RIX, R. W. **The Barbarian North in the Medieval Imagination**. Nova York: Routledge, 2015.
- RUST, L. D.; BASTOS, M. J. D. M. Translatio Studii: A História Medieval no Brasil. **Signum**, São Paulo, v. 10, p. 163-188, 2009.

SILVA, E. A. Bancos de Dados e Pesquisa Qualitativa em História: Reflexões acerca de uma experiência. **Revista de História Regional**, v. 3, n° 2, p. 167-176, 1998.

SILVA, L. R. D.; SILVA, A. C. L. F. Os Estudos Medievais no Brasil e a Internet: uma análise do uso dos recursos virtuais na produção medievalista (1995 a 2006). **História, imagem e narrativas**, Ano 2, n° 4, 2007. 134-147.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SMITH, A. Set in the Silver Sea: English Nacional Identity and European Integration. Workshop: **National Identity and Euroscepticism: A Comparison Between France and the United Kingdom.**, Oxford, p. 1-14, 2005

---

**Abstract:** This article intends to approach the state of the question of medieval studies that are dedicated to the historical analysis of northern Europe in the medieval period, as well as discuss the deepening of understanding of these regions by the expanding of the sources used by historians. We will make a brief overview of the development of European historiography in this sense, as well as discuss the expansion of the interest of Brazilian researchers in this field in question in recent years, highlighting the creation of research centers that targeted the study of the North Europe in the Middle Ages, specifically the NEVE (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos) and NEIBRAM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares das Ilhas Britânicas: Antiguidade e Medievo).

**Keywords:** Middle Ages; Historiography; Middle Ages Studies.

---